



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ADOLESCENTE

EIXO TEMÁTICO: 1. NEURODIVERGÊNCIA E EDUCAÇÃO

Silverlandia Aguiar Pereira;¹
Larissa Milhomem de Sousa;²

RESUMO

Este artigo aborda o impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida dos adolescentes, com foco nas reações emocionais, dificuldades sociais e educacionais que surgem devido ao diagnóstico. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica de estudos recentes, com o objetivo de discorrer acerca do impacto do diagnóstico de TEA na vida do adolescente, com foco em suas habilidades emocionais, relações sociais e no seu desempenho escolar. A pesquisa revelou que, embora não tenha sido possível encontrar estudos que tratam diretamente das reações emocionais dos adolescentes ao diagnóstico, foi possível inferir essas reações a partir das barreiras sociais e escolares mencionadas nos estudos analisados. Constatou-se que os adolescentes com TEA enfrentam um ambiente escolar desafiador, com falta de estratégias pedagógicas inclusivas, o que impacta negativamente sua adaptação escolar e social. O estudo também ressaltou a importância de intervenções psicossociais e de uma abordagem mais inclusiva e acolhedora tanto na escola quanto no ambiente familiar, como fatores essenciais para o bem-estar e desenvolvimento desses adolescentes. A pesquisa evidencia a necessidade de mais políticas públicas e estratégias voltadas para a inclusão e o suporte emocional e educacional dos adolescentes com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista; Adolescente; Diagnóstico; Inclusão escolar.

Eixo temático: Neurodivergência e Educação.

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNINASSAU - Teresina (PI). Diretora Científica da Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-Comportamental do Piauí (LATCCPI). email: silverlandiapsi@gmail.com.

² Docente do curso de psicologia, especialista em Psicologia Organizacional, Saúde Mental e Terapias Cognitivas, neurociências e Comportamento Humano, centro UNINASSAU Teresina, Piauí 2024, email: larissamilhomem@yahoo.com.br.



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

A adolescência é um período marcado por intensas transformações em diversas esferas da vida, sendo um processo de grande importância no desenvolvimento humano. Essa fase, tradicionalmente compreendida entre os 11 a 19 anos, envolve mudanças que não se restringem apenas ao aspecto físico, mas se estendem ao psicológico e social, compondo o que é conhecido como o desenvolvimento biopsicossocial. Assis, Avanci e Serpeloni (2020) apontam que essas transformações são manifestadas através de alterações anatômicas, fisiológicas e emocionais, criando um cenário de desafios para os adolescentes.

Essas mudanças físicas podem gerar um impacto emocional significativo, pois, ao deparar-se com seu novo corpo e as novas demandas da vida adulta o adolescente experimenta um processo de adaptação que pode envolver o luto pelo seu corpo infantil. Silva e Elias (2020) discutem como esse luto pelo corpo anterior e pela fase infantil influencia a maneira como o adolescente se percebe e interage com o mundo ao seu redor. Isso pode gerar sentimentos de desconforto e insegurança, características comuns dessa fase.

Quando se trata de adolescentes diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), esses desafios podem se tornar ainda mais complexos. De acordo com Serbai e Priotto (2021), adolescentes com TEA frequentemente enfrentam grandes obstáculos ao tentar estabelecer e manter relações sociais, o que agrava sua sensação de isolamento. Além disso, esses jovens lidam com dificuldades emocionais que se agregam, como a ansiedade e a frustração, resultantes da sua percepção das próprias limitações, especialmente no ambiente escolar e social.

As barreiras nas interações sociais dos adolescentes com TEA vão além das questões evidentes de comunicação. Essas dificuldades estão arraigadas em déficits específicos, que afetam desde o entendimento das normas sociais até a capacidade de resposta em diferentes contextos. A falta de habilidade em interpretar sinais sutis, como expressões faciais e gestos, muitas vezes resulta em uma vivência marcada por afastamento. Conforme relatados por Passarelli *et al.* (2023), o desenvolvimento de habilidades sociais, incluindo comportamentos verbais, expressões e gestos, tende a ser mais limitado, o que afeta o sucesso nas interações sociais. Indivíduos com TEA podem ter dificuldades em aspectos como iniciar e manter uma conversa, compartilhar a atenção, compreender as intenções alheias e estabelecer reciprocidade



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

nas interações. Esse conjunto de limitações pode levar tanto ao distanciamento social quanto a comportamentos que restringem as oportunidades de criar e manter laços interpessoais.

Esses desafios, que se manifestam de maneira complexa na adolescência, podem prejudicar a formação da identidade e o desenvolvimento de habilidades importantes para a convivência social e emocional. O impacto do diagnóstico nesse período da vida é profundo, uma vez que as demandas sociais e acadêmicas tornam-se mais intensas. O adolescente com TEA se vê, muitas vezes, em um cenário de exclusão ou incompreensão, o que amplia as dificuldades nas interações e na adaptação a novos contextos (Passarelli *et al.* 2023).

Portanto, o presente artigo teve como objetivo geral discorrer acerca do impacto do diagnóstico de TEA na vida do adolescente, com foco em suas habilidades emocionais, relações sociais e no seu desempenho escolar. Para alcançar esse objetivo, o estudo se propôs a descrever como os adolescentes reagem ao diagnóstico de TEA; identificar as dificuldades sociais enfrentadas por esses indivíduos; e analisar os desafios que eles enfrentam na escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Conceitualização Acerca da Adolescência

A adolescência é um período de transição complexo que abrange diversas mudanças no desenvolvimento humano. Esse estágio não pode ser definido apenas por critérios cronológicos, mas também pela diversidade de experiências emocionais, sociais e culturais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (1975 *apud* Valle e Matos, 2011, p. 321), a adolescência é definida como o intervalo entre os 11 e 19 anos, período que inclui a puberdade, cujas características seguem padrões previsíveis, mas cujo desenvolvimento varia de pessoa para pessoa. No entanto, a idade por si só não é suficiente para abarcar a multiplicidade de fatores que influenciam esse momento da vida.

Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 1990) considera criança a pessoa com idade até doze anos incompletos, enquanto adolescentes são aqueles que têm entre 12 e 18 anos. Embora o ECA forneça uma definição cronológica, essa delimitação é limitada, pois não reflete a complexidade de ser adolescente. A adolescência não pode ser



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

compreendida apenas pela idade. Mais do que um intervalo entre a infância e a vida adulta, essa é uma fase diversificada e repleta de mudanças significativas, onde as vivências pessoais, contextos culturais e sociais, e os recursos disponíveis influenciam profundamente o desenvolvimento.

Como afirmam Assis, Avanci e Serpeloni (2020), o significado de ser adolescente varia amplamente entre os diferentes grupos sociais, refletindo uma fase de descobertas e construções que desafiam qualquer delimitação simplista. Para entender verdadeiramente esse período, é essencial considerar não apenas o contexto, mas também os fatores individuais e sociais que marcam cada trajetória.

As sociedades modernas, segundo Papalia e Martorell (2022), apresentam a adolescência como uma fase marcada por mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Este período não é uma simples passagem entre a infância e a vida adulta, mas sim uma etapa em que o indivíduo passa por uma série de transformações que afetam diretamente sua identidade e suas interações sociais. Nesse sentido, é fundamental considerar que as condições de vida, o suporte familiar e as oportunidades disponíveis influenciam como essas mudanças são vivenciadas.

De forma semelhante, Xavier e Nunes (2015) afirmam que a adolescência se define por ser uma fase psicossocial, onde as modificações físicas e emocionais são acompanhadas de mudanças sociais, uma vez que o adolescente se afasta progressivamente do núcleo familiar e busca se integrar em novos círculos sociais. Durante esse período, o jovem busca afirmação de identidade e autonomia, sendo impulsionado pelas novas conquistas cognitivas e afetivas que essa fase proporciona.

Experimentar essa transição entre a infância e a idade adulta, enfrentando desafios relacionados à formação da identidade, à busca por autonomia e à construção de um sentido de pertencimento. É um período de grande vulnerabilidade, onde as incertezas sobre o futuro, as pressões sociais e as transformações internas podem gerar conflitos e dúvidas profundas. O adolescente passa a refletir sobre suas escolhas, questionar o ambiente ao seu redor e tentar se definir enquanto sujeito.

Essa fase de instabilidade é, muitas vezes, caracterizada por intensas flutuações emocionais, nas quais o jovem alterna entre comportamentos impulsivos e tentativas de tomar



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

decisões mais maduras. É exatamente nesse cenário que muitos enfrentam dificuldades de autocompreensão, buscando respostas que deem sentido a essa fase conturbada da vida. Como bem destacam Segeren e França (2014). Na adolescência nada é estável, pois é um momento de transição entre imaturidade e busca pela maturidade, e o final dessa fase é uma época em que várias decisões começam a ser tomadas em relação à vida futura.

Outro ponto importante a ser considerado é o impacto dessas transformações na constituição da identidade do adolescente. Erikson (1976 apud Quiroga e Vitale, 2013, p. 864), postula que adolescência é uma fase da vida que se situa entre a infância e a vida adulta, sendo também o momento fundamental para formação de identidade. Neste contexto, para muitos adolescentes, esse processo de desenvolvimento da identidade exige a superação de conflitos internos e externos, o que se torna especialmente desafiador devido à sentença de expressões faciais e as crescentes exigências de desempenho.

Conforme relatado por Lemos e Marback (2017), essa busca intensa por identidade e a pressão por autoafirmação durante a adolescência podem tornar os jovens mais vulneráveis a uma série de desafios emocionais, incluindo sentimentos de insegurança e ansiedade. Nesse contexto, a fase da adolescência se revela um momento crítico contínuo de adaptações em que os jovens precisam harmonizar o desejo de independência com as normas sociais que os envolvem.

O desenvolvimento de uma nova identidade e a assunção de novos papéis são processos centrais. Como apontado por Valle e Matos (2011), essa busca por uma nova identidade pode provocar considerável ansiedade nos adolescentes, tornando esse período propenso ao surgimento de sintomas de depressão e ao isolamento social. É essencial reconhecer que essas transformações não ocorrem de forma isolada; elas estão interligadas com a necessidade de aceitação social e a pressão por se conformar às expectativas externas. Assim, o adolescente, ao tentar equilibrar suas necessidades emocionais e sociais, pode encontrar-se em um ciclo de autocrítica e insegurança que, se não for abordado adequadamente, pode levar a consequências mais graves, como o aumento dos sintomas depressivos.

Além disso, o desenvolvimento sexual e as mudanças corporais associadas à puberdade contribuem para o aumento da complexidade desse período. Velho, Quintana e Rossi (2014) destacam que o adolescente experimenta uma série de ambivalências em relação a essas



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

transformações, como o luto pela perda do corpo infantil e a alegria das novas conquistas corporais e sociais. Este é um momento de reestruturação, onde o jovem se adapta à nova realidade física e busca seu lugar no mundo.

Durante essa etapa do desenvolvimento, é frequente a diminuição do interesse em atividades familiares, variações intensas de humor, preocupação significativa com as mudanças corporais da puberdade e dificuldade em controlar impulsos. Ao mesmo tempo, há um aumento nas interações com grupos de pares e uma forte necessidade de privacidade. Neste período, ocorre uma melhoria na aceitação do corpo, com ênfase em torná-lo atrativo. Também é comum um aumento no interesse sexual e em experimentar novas experiências. Há um crescimento nas habilidades intelectuais, mas também uma intensificação dos conflitos familiares e uma sensação de invencibilidade, que pode expor os adolescentes a situações de risco (Caroni; Bastos, 2015).

É fundamental destacar que um dos aspectos centrais no desenvolvimento identitário do adolescente é a sexualidade. A sexualidade vai além do ato sexual ou da função reprodutiva, sendo um componente essencial para o desenvolvimento humano em toda sua amplitude. Trata-se de um campo que envolve não apenas o corpo, mas também as dimensões psicológicas e sociais do indivíduo, manifestando-se nas experiências afetivas e relacionais vivenciadas ao longo da vida. Em conformidade com Arend *et al.* (2021), a sexualidade é aspecto discursivo qualificado como fundamental no processo de construção da identidade, abarcando possibilidades ao desenvolvimento humano que não se reduzem ao ato sexual ou à potencialidade reprodutiva, mas se relacionam com plurais experiências vinculares e afetivo-sexuais durante toda a vida humana.

Dessa forma, é evidente que o adolescente é profundamente marcado por essas mudanças que afetam tanto o corpo quanto a psique, e lidam com desafios internos e externos, sendo influenciado pelo meio em que vive e pelas relações que estabelece e oportunidades que encontra.



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

2. Aspectos Teóricos do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades persistentes na comunicação social e por comportamentos repetitivos e restritivos. Essa condição, conhecida por afetar principalmente as esferas de interação social, comunicação e comportamento, é marcada por um desenvolvimento linguístico e comunicativo atípico, o que inclui atrasos na aquisição da linguagem e padrões repetitivos na fala. Além disso, as pessoas com TEA costumam apresentar limitações emocionais e interesses restritos (Nascimento; Pereira; Garcia, 2017).

De acordo com o DSM-5-TR (2022), para que o diagnóstico de TEA seja estabelecido, é necessário que o indivíduo apresente déficits contínuos na comunicação e nas interações sociais em múltiplos contextos. Esses déficits envolvem limitações na troca social, no uso de gestos para se expressar e na capacidade de iniciar e manter relacionamentos. Além disso, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades também são requeridos para o diagnóstico. Esses critérios, conhecidos como a "díade do autismo", são fundamentais para compreender a complexidade do transtorno (Busseto; Roama-Alves, 2023).

Atualmente, a prevalência do TEA é estimada em uma pessoa a cada 100, sendo que a condição é mais comum entre meninos do que entre meninas. A diversidade de expressões do transtorno dentro do espectro sugere que ele é mais difundido do que se acredita, embora ainda seja subdiagnosticado em muitos casos (IFPB, 2017). Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos indicam que cerca de uma criança a cada 36 é diagnosticada com TEA, sendo a condição aproximadamente quatro vezes mais comum em meninos (Busseto; Roama-Alves, 2023).

As causas do TEA são complexas e abrangem tanto fatores neurobiológicos quanto ambientais. Diversos estudos indicam uma forte influência genética, com múltiplas interações entre genes que desempenham um papel crucial na manifestação do transtorno. Além disso, fatores ambientais durante os períodos pré e perinatal também podem contribuir para o desenvolvimento do autismo, destacando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para compreender a etiologia do TEA (Araujo; Silva; Zanon, 2023).



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

O diagnóstico do transtorno costuma ocorrer entre os 12 e 24 meses de idade, quando os primeiros sinais de dificuldades na comunicação e na interação social tornam-se mais evidentes. As crianças com TEA podem apresentar comportamentos repetitivos e restritos, como estereotípias motoras e uma adesão inflexível a rotinas. Essas características variam em intensidade e severidade, o que dificulta o estabelecimento de um padrão único de apresentação clínica (Matias; Probst, 2018). Além disso, é comum que essas crianças apresentem reações aumentadas ou diminuídas a estímulos sensoriais, o que pode gerar sobrecarga sensorial em situações de excesso de estímulos (Romeira; Schreiner; Bosa, 2021).

Outro aspecto importante a ser considerado são as dificuldades de interação social. Indivíduos com TEA frequentemente apresentam uma falta de reciprocidade emocional nas interações, além de uma comunicação verbal e não verbal comprometida. Características como o uso repetitivo de palavras (ecolalia) e padrões verbais idiossincráticos podem ser sinais claros da condição (Maia; Junior, 2021). Além disso, o comportamento social dessas pessoas geralmente se distingue pela falta de espontaneidade em gestos e pela dificuldade em participar de brincadeiras simbólicas.

A dependência de indivíduos com TEA pode variar consideravelmente, e essa variação é um fator essencial para a compreensão dos diferentes níveis de suporte que esses indivíduos necessitam. Enquanto alguns adolescentes podem alcançar certo grau de independência, outros dependem de suporte contínuo para realizar até as tarefas mais simples do dia a dia. Essa classificação, que divide o autismo em três níveis, reflete a diversidade dos casos e a intensidade das dificuldades enfrentadas. Conforme relatado por Araújo *et al.* (2022), o autismo pode ser classificado em três níveis diferentes, o fator predominante para essa classificação do TEA é relacionado principalmente ao grau de comprometimento causado, em relação ao nível de dependência, sendo pouco ou até mesmo o total nível de dependência de outras pessoas ou profissionais.

De acordo com o DSM-5-TR (2022, p. 58-59), o transtorno do espectro autista é classificado em três níveis de suporte, que indicam o grau de assistência que essa pessoa necessita para lidar com as dificuldades características do transtorno.

Nível de Suporte 1 caracteriza-se por dificuldades leves, em que o indivíduo pode apresentar tendência à rigidez cognitiva, o que dificulta sua adaptação a mudanças,



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

além de resistência a transições entre atividades. Apesar dessas dificuldades, os indivíduos desse nível costumam demonstrar maior independência, embora o planejamento possa ser comprometido, interferindo em sua autonomia.

Nível de Suporte 2 há falhas mais perceptíveis na comunicação, tanto verbal quanto não-verbal. Indivíduos neste nível demonstram claros prejuízos sociais, devido à dificuldade em compreender e desenvolver relacionamentos. Além disso, a inflexibilidade comportamental e cognitiva é mais evidente, gerando maior dificuldade com transições e mudanças na rotina, o que pode levar à emissão de comportamentos não adaptativos.

Nível de Suporte 3 é caracterizado por déficits graves na comunicação verbal e não-verbal, com comportamentos que comprometem fortemente a interação social. Pessoas nesse nível costumam apresentar extrema inflexibilidade comportamental, com grandes dificuldades em lidar com mudanças de rotina. Também é frequente a emissão de comportamentos estereotipados e interferentes, o que prejudica suas atividades diárias e aprendizagem.

É fundamental compreender cada nível de suporte estabelecido no DSM-5-TR, pois permite avaliar o grau de dependência que o indivíduo com TEA apresenta. Além disso, esse entendimento é crucial para o planejamento de intervenções que visem promover o desenvolvimento e a autonomia da pessoa. Assim, os níveis de suporte não funcionam apenas como uma ferramenta de classificação, mas também como um guia estratégico para o processo de intervenção, possibilitando a criação de abordagens personalizadas que atendam às necessidades específicas de cada indivíduo com TEA, promovendo seu bem-estar e crescimento ao longo do tempo.

3. O Adolescente Com Diagnóstico de TEA e as dificuldades que Ele Enfrenta.

As mudanças que acompanham a fase da adolescência tornam-se desafiadoras. Para os adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esses desafios podem ser ainda mais difíceis de enfrentar, uma vez que o transtorno impacta áreas cruciais como a comunicação e a interação social. Além disso, esses jovens apresentam comportamentos repetitivos e um interesse restrito a determinados assuntos ou atividades, o que pode limitar ainda mais sua capacidade de se integrar ao ambiente social e escolar (Saad; Bastos; Souza, 2020). As limitações na comunicação, por exemplo, dificultam a criação de laços e amizades, enquanto a dificuldade em interagir pode isolar esses adolescentes, aumentando a sensação de exclusão.

É neste contexto que a importância de um diagnóstico precoce se destaca, pois identificar o TEA logo nos primeiros anos de vida pode mudar drasticamente o curso do



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

desenvolvimento do adolescente. Quando o transtorno é detectado e abordado de forma adequada, as intervenções personalizadas têm o potencial de reduzir os obstáculos que o adolescente enfrenta ao longo da vida. O diagnóstico precoce possibilita o desenvolvimento de habilidades que, mais tarde, podem facilitar uma maior autonomia e independência. Isso ocorre porque, ao fornecer estímulos apropriados desde cedo, esses adolescentes conseguem, em muitos casos, alcançar níveis de independência, mesmo que essa independência seja limitada a determinados aspectos da vida cotidiana (Cossio; Pereira; Rodriguez, 2018). É um processo longo, que requer paciência e ajustes contínuos, mas que pode transformar a vida do indivíduo autista.

O TEA é classificado em três níveis de suporte, sendo o nível 1, muitas vezes, o mais difícil de detectar na infância. Por apresentar sintomas mais sutis, o diagnóstico pode ser tardio, o que prejudica o desenvolvimento adequado do adolescente. Essa ausência de intervenção precoce pode aumentar o risco de surgirem transtornos associados, como a ansiedade e a depressão, já que esses adolescentes enfrentam dificuldades para se inserir socialmente, iniciar e manter interações e compreender as nuances das relações interpessoais. Sem o apoio necessário, muitos acabam se isolando, o que reforça o ciclo de afastamento e intensifica os sintomas (Saad; Bastos; Souza, 2020). A solidão e a falta de conexões sociais afetam profundamente a autoestima do adolescente, agravando os sentimentos de inadequação e tristeza.

Mesmo que, ao chegar à vida adulta, alguns indivíduos com o espectro apresentem uma melhora em seu isolamento social, as dificuldades em desenvolver habilidades sociais persistem, sendo desafios que acompanham o adolescente ao longo de toda a vida. A construção de amizades, por exemplo, continua sendo uma tarefa árdua, e as barreiras para se comunicar de forma eficaz impedem que muitos adolescentes estabeleçam relacionamentos significativos (Maia; Junior, 2021). O ambiente escolar, que poderia ser um espaço de socialização, acaba se tornando um local de isolamento onde o adolescente não se sente acolhido, o que apenas reforça seu distanciamento social.

Durante a adolescência, essas dificuldades tornam-se ainda mais evidentes. Muitos adolescentes com TEA podem experimentar um declínio comportamental significativo, especialmente no que diz respeito à linguagem e à socialização. O reconhecimento de suas



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

próprias limitações, combinado com a dificuldade em formar amizades e se relacionar com seus pares, pode gerar um impacto emocional devastador. Além disso, esses adolescentes são frequentemente alvo de abusos físicos e psicológicos, o que reforça a introspecção e a sensação de inadequação (Maia; Junior, 2021). O *bullying* e a exclusão social são questões recorrentes, intensificando ainda mais os transtornos emocionais já presentes, como a ansiedade e a depressão.

Mesmo com essas dificuldades, muitos adolescentes com TEA desenvolvem habilidades compensatórias, que podem ajudá-los a interagir de maneira mais eficaz. Embora a linguagem seja um desafio, algumas capacidades, como a atenção, a percepção e a memória, podem ser utilizadas como ferramentas de apoio em contextos de comunicação. Essas habilidades, quando bem desenvolvidas e estimuladas, podem servir como uma ponte para uma interação social mais eficiente, mesmo que de forma limitada (Mazzega; Tamanaha; Perissinoto, 2024). É importante destacar que o desenvolvimento dessas habilidades exige intervenções terapêuticas contínuas, que respeitem as particularidades de cada adolescente.

As dificuldades de aprendizagem também fazem parte da trajetória dos adolescentes com TEA, em especial, o desenvolvimento de habilidades de leitura pode ser comprometido pela limitação do repertório linguístico. Enquanto alguns autores sugerem que essas limitações aumentam as chances de fracasso escolar, outros apontam que, com os devidos ajustes, esses adolescentes podem sim ter sucesso na leitura. Entretanto, é necessário cautela ao generalizar esses resultados, pois as variações no desenvolvimento cognitivo e linguístico dos indivíduos com TEA são bastante amplas (Silveira; Donida; Santana, 2020). Cada adolescente tem um ritmo de aprendizagem diferente, o que exige métodos pedagógicos individualizados e flexíveis.

Outro aspecto que merece atenção é a sexualidade do adolescente com TEA. Muitas vezes negligenciada, a sexualidade é parte fundamental do desenvolvimento humano, e os adolescentes com autismo não são exceção. Esses indivíduos passam pela puberdade e experimentam o despertar de suas necessidades sexuais como qualquer outro adolescente. No entanto, a falta de compreensão sobre seu próprio corpo e o desenvolvimento emocional inadequado podem levar a comportamentos sexuais impróprios, o que pode gerar confusão e frustração tanto para o adolescente quanto para seus cuidadores (Arend *et al.* 2021). A família,



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

em muitos casos, trata o adolescente com autismo como uma eterna criança, o que impede o desenvolvimento saudável de sua sexualidade e reforça estereótipos e preconceitos (Saad; Bastos; Souza, 2020).

Por fim, é importante mencionar que reações comportamentais repetitivas, autolesivas e desafiadoras são comuns durante a adolescência, principalmente em indivíduos com TEA. Esses comportamentos podem se tornar mais frequentes e intensos nesse período, o que afeta diretamente a inclusão social desses adolescentes. A presença de respostas comportamentais desafiadoras, por exemplo, pode limitar a participação em atividades escolares e sociais, gerando um processo de restrição que compromete o desenvolvimento de novas habilidades sociais e cognitivas (Segeren; Françoze, 2014). O adolescente com TEA, portanto, enfrenta uma jornada desafiadora, que requer suporte constante e especializado para que ele possa superar as barreiras impostas pelo transtorno e alcançar seu pleno potencial.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, visando aprofundar o conhecimento sobre o impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no adolescente. A revisão bibliográfica, como destaca Gil (2002, p. 44), “é uma análise teórica baseada em material previamente elaborado, amplamente utilizada em estudos que requerem revisão da literatura existente”. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 33-34), “a pesquisa qualitativa não se concentra na representatividade numérica, mas busca o entendimento profundo de grupos sociais ou fenômenos específicos”.

Para a seleção das fontes, foram utilizados os descritores "Transtorno do Espectro Autista", "Adolescente", "Diagnóstico", "Habilidades Sociais" e "Inclusão Escolar". A busca foi realizada nas bases de dados como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos de Psicologia (Pepsic), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS): A coleta dos materiais ocorreu entre os meses de março e novembro de 2024, garantindo que as publicações selecionadas fossem



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

dos últimos dez anos e relevantes ao tema proposto. Para a seleção dos estudos que compõem este estudo, foram determinados critérios de inclusão e exclusão.

Os critérios de inclusão integram publicações realizadas entre 2014 e 2024, em português, que o acesso seja gratuito e que apresentem relevância direta ao tema deste estudo. Foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: artigos publicados antes dos últimos dez anos, duplicados que foram encontrados em diferentes bases de dados (mantendo-se apenas uma versão); artigos não disponíveis em português, que exigem pagamento para ter acesso ao artigo por completo; àqueles que, ao final da leitura dos resumos, não apresentavam conexão direta com o tema principal; e artigos que, ao término da leitura completa, não se enquadram no tema.

O processo de busca e seleção foi realizado em quatro etapas. A primeira consistiu na busca dos materiais a partir dos descritores combinados. A segunda etapa envolveu a filtragem por idioma e data de publicação. A terceira etapa foi dedicada à leitura dos resumos para identificar os estudos mais relevantes. Por fim, a quarta etapa consistiu na leitura completa dos artigos selecionados, permitindo uma análise mais detalhada e aprofundada do conteúdo.

Durante a pesquisa, foram encontrados 316 artigos nas bases de dados consultadas, utilizando descritores combinados relacionados ao tema do estudo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, selecionaram-se 25 artigos para a leitura dos resumos. Esses artigos foram então categorizados conforme os critérios estabelecidos. Em seguida, realizou a leitura completa de 17 deles. Com base na relevância para os objetivos do estudo, foram selecionados 8 artigos, que constituíram a amostra final, lidos e analisados na íntegra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo aborda o impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida dos adolescentes, focando reações emocionais, dificuldades sociais e desafios educacionais enfrentados por eles. Embora não tenha sido possível encontrar artigos que discutam diretamente como os adolescentes reagem ao diagnóstico, os resultados indicaram que



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

suas reações podem ser observadas nas dificuldades que enfrentam, principalmente no contexto social e escolar.

É imprescindível que estudos futuros explorem diretamente as reações emocionais ao diagnóstico de TEA, promovendo uma compreensão mais profunda das vivências desses adolescentes. Além disso, ações integradas entre família, escola e sociedade devem ser priorizadas para promover o desenvolvimento integral e a inclusão efetiva desse grupo.

As principais barreiras encontradas são os preconceitos sociais, a escassez de abordagens inclusivas na educação e a falta de discussões sobre assuntos relevantes, como a sexualidade. Estes elementos têm impacto não só no rendimento escolar, mas também no crescimento emocional dos adolescentes com Transtorno do Espectro Autista, ressaltando a importância de abordagens mais acolhedoras e eficazes.

Os estudos confirmaram que é essencial promover uma inclusão mais eficaz, tanto no ambiente escolar quanto no social, para que esses adolescentes possam se desenvolver de forma plena e saudável. Dessa forma, é fundamental a atuação conjunta de familiares, educadores e profissionais para garantir um suporte adequado e a adaptação contínua dos adolescentes com TEA à sociedade.

Diante disso, fica claro a importância de expandir as políticas públicas voltadas para esse grupo, implementando ações que reforcem o suporte familiar, capacitem profissionais da educação e promovam a inclusão em diferentes cenários. Somente por meio de ações unificadas é viável assegurar um crescimento mais pleno e saudável para os adolescentes com TEA, reconhecendo suas singularidades e respeitando seus direitos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR** ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

ARAÚJO, A. G. R.; SILVA, M. A. DA .; ZANON, R. B.. Autismo, Neurodiversidade e Estigma: Perspectivas Políticas e de Inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. 247-367, 2023.



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

ARAÚJO, M. F. N do. et al. Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. **PHD Scientific Review**, v. 02, n. 05, p. 8-20, 2022.

AREND, M. H. R de F. .; MACIEL, ET .; FANTINELLI, AA .; EGGRES, D.; BALK, R. de S. Sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 6, p. e11810615558, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i6.15558. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15558>. Acesso em: 16 Nov. 2024.

ASSIS, S. G. DE; AVANCI, J. Q.; SERPELONI, F. **O tema da adolescência na saúde coletiva - revisitando 25 anos de publicações**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZtYhGrpPqXPzYVk3fmFz7Rs/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BUSETTO, T. M.; ROAMA-ALVES, R. J. **Escala de Triagem para Identificação de Sinais de Autismo – Versão Professores (TEA-PROF): Processo de Construção**. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/89030/51213>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

CARONI M. M; BASTOS, O. M. Adolescência e autonomia: conceitos, definições e desafios. **Revista de Pediatria SOPERJ**. 2015;15(1):29-34

COSSIO, A. do P.; PEREIRA, A. P. da S.; RODRIGUEZ, R. de C. Benefícios da Intervenção Precoce para a Família de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 31, n. 60, p. 9–20, 2018. DOI: 10.5902/1984686X28331. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28331>. Acesso em: 11 jun. 2024.

EREND, M. H. R. F. DE et al. A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão Integrativa. Sexuality in adolescents with autistic spectrum disorder (ASD): An integrative review. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. 76–92, 22 maio, 2022.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IFPB. **Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista**. Cartilha institucional. João Pessoa-2017.

LEMONS, P.; MARBACK, R. (EDS.). Identidade na adolescência: Compreendendo a sua formação e repercussões. [s.l.] **Revistas unifacs**, 2018. v. 16.



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

MAIA, K. S.; JUNIOR, F. B. A. Escala de rastreio para transtorno do espectro autista: um estudo de validade para adolescentes e adultos. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 41, n. 101, p. 166–174, 2021.

MARQUES, M. H.; DIXE, M. DOS A. R. Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. *Revista de psiquiatria clínica*, v. 38, n. 2, p. 66–70, 2011.

MATIAS, H. B. R.; PROBST, M. A criança com Transtorno do Espectro Autista, a escola e o professor: algumas reflexões. **Revista Profissão Docente**, [S. l.], v. 18, n. 38, p. 158–170, 2018. DOI: 10.31496/rpd.v18i38.1190. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1190>. Acesso em: 16 nov. 2024.

MAZZEGA, L. C.; TAMANAHA, A. C.; PERISSINOTO, J. Comunicação social no transtorno do espectro autista: adolescentes no contexto teatral. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 58624, 2023. DOI: 10.23925/2176-2724.2023v35i2e58624. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/58624>. Acesso em: 8 jun. 2024.

NASCIMENTO, M. A. DO.; GARCIA, S. C. M.; PEREIRA, M. Autismo infantil: acolhimento e tratamento pelo sistema único de saúde. **Revista Valore**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 155–167, 2017. DOI: 10.22408/rev12201735124-135. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/35>. Acesso em: 8 nov. 2024.

PASSARELLI, D. A. et al. Treino de Habilidades Sociais em Crianças e Adolescentes com Autismo: Uma revisão de Artigos Empíricos. **Revista perspectivas**, p. 084–095, 2023.

QUIROGA, F. L.; VITALE, M. S. DE S.. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 863–878, jul. 2013.

ROMEIRA, G. M.; SCHREINER, L. B.; BOSA, C. A. Avaliação Psicológica de Crianças com Suspeita de TEA: Perfil Interativo dos Avaliadores. **Aval. psicol.**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 43-51, mar. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712021000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 jun. 2024.

SAAD, A. P. R.; BASTOS, P. R. H. de O.; SOUZA, G. A. C. de. Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 33, p. e14/1–24, 2020. DOI: 10.5902/1984686X41858. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/41858>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SANTOS, S. M. DOS; TEIXEIRA, Z. D.; PORTO, M. D. Alfabetização e letramento: um olhar para o processo de aprendizagem de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Linguística**, v. 17, n. 2, p. 316–332, 2021. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3198>>. Acesso em: 01 jun. 2024.



II Simpósio Piauiense de Transtornos DO NEURODESENVOLVIMENTO

23 a 25 de Outubro

SERBAI, F.; PRIOTTO, E. M. T. P. Autismo na adolescência uma revisão integrativa da literatura. **Educação em Revista**, v. 37, p. e26472, 2021.

SEGEREN, L.; FRANÇOZO, M. DE F. DE C. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 1, p. 39-46, jan. 2014.

SILVA, C. C. E; ELIAS, L. C. S. dos . Instrumentos de Avaliação no Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática. **Aval. psicol.**, Itatiba , v. 19, n. 2, p. 189-197, jun. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712020000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 jun. 2024.

SILVEIRA, P. T. DA; DONIDA, L. O.; SANTANA, A. P. Inclusão e permanência de universitários com diagnóstico de transtorno do espectro autista: discussões acerca de barreiras linguísticas. **Avaliação Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 3, p. 659–675, 2020.

VALLE, L. E. L. R. DO; MATTOS, M. J. V. M. DE. Adolescência: as contradições da idade. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 28, n. 87, p. 321-323, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 jun. 2024.

VELHO, M. T. A. C DE; QUINTANA, A. M.; ROSSI, A. G. Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos. **Revista Bioética**, v. 22, n. 1, p. 76–84, 2014.

XAVIER, A. S; NUNES, A. I, B. L. **Psicologia do desenvolvimento**. 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza. EdUECE, 2015.